

UPOVO ■ Fortaleza-CE
Domingo/8 de março de 1998





"Assim como minha bisavó Chica da Lagoa Seca, estou lutando pelo meu pedaço de terra. Ela morreu lutando pela terra, pelo direito de ficar na terra."

Maria de Jesus Sobrinho 🦠

A luta de todos os nativos

aimunda Marques bem que já tentou mudar de vida. E de espaço. Tentou morar em Fortaleza, bem distante da sua Almofala natal. Foram sete anos longe dos pais, amigos, companheiros e parentes. Não deu certo. O coração apertou muito forte e ela voltou. Voltou com a determinação - que é da raça - de que a luta pelo espaço é fundamental quando se quer ser feliz. Ao lado dela, e partilhando o mesmo sentimento. Maria de Jesus Sobrinho, a Dijé, nunca duvidou de que o seu chão era mais importante do que qualquer outra coisa. E o tempo que passou na capital só confirmou o que a alma sempre mostrou.

De volta para casa, Raimundinha e Dijé começaram a trabalhar em busca de uma melhora para a comunidade. Com a venda de seus brincos e colares, feitos de elementos da natureza e das redes

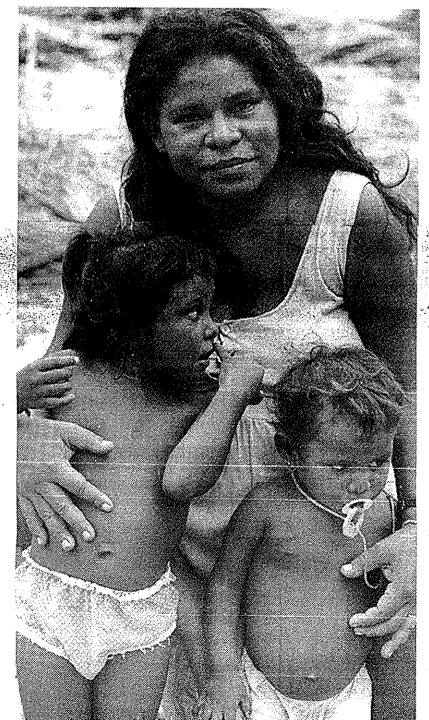
camarão, para conseguem levar para casa uma parte que cobre as necessidades básicas de cada fami-Partiram, liar. também, dois ramos diferentes e ao mesmo interligados. Um, o da educação; o outro, o da dança e a tradição da dança local, o torem. Para todos da comunidade, a professora ensina, além do beabá, a amor à vida e à

natureza. Tanto para crianças como para adultos.

Dança de roda, típica da praia - o primeiro registro da dança dos Tremembé remonta ao final do século passado e foi feito por Padre Antônio Tomás que estava em visita a Almofala - que anima velhos, crianças e adultos de todas as idades, o torém andou por muito tempo esquecido na memória dos mais velhos. Coube a elas duas dar um impulso para que essa nova geração e fazer com ela a celebração da vida na época do caju, bebendo o mocororó, o vinho da fruta.

Mas, mais do que qualquer traço cultural, Dijé e Raimundinha estão unidas na preservação da terra tão ameaçada de cair em mãos que nada têm a ver com toda aquela cultura. A terra, que já foi de perder de vista, precisa ser demarcada e os 4.900 hectares, respeitados. E todos os índios que

sempre a amaram possam voltar a ter o roçadinho de mandioca, milho e feijão novamente vicoso e alimentando seu povo da melhor maneira possível. sangue nas veias da bisavó Chica da Lagoa, uma valente de-fensora de suas sagradas divisas, Dijé sonha em ver sua comunidade melhorar de vida. Mas melhorar, mesmo.



■ Maria de Jesus e Raimunda (foto menor): luta pela terra e pelas raízes

"Já saí das nossas terras e descobri que aqui é o meu lugar e o lugar certo para meus filhos crescerem felizes."

Raimunda Marques

"Meu sonho é que a vida melhore para melhor mesmo. E que a terra volte a ser nossa para que a gente volte a plantar e possa ser livre novamente."

Maria de Jesus Sobrinho